



## **Beijo Roubado**

**Autor: Sérgio Peixoto Mendes<sup>1</sup>**

Ela chamava-se Glória. Não era das mais belas mas, despertava certo interesse na turma do colégio. Cabelos louros, magra, calças justas, coladas, de jeans esbranquiçado. Ela não usava “boca de sino” com nesgas, preferia as “caninho fino” embaixo para expor seus tênis, geralmente, brancos. Tinha estilo apesar de não ser *fashion*. Glória me beijou na boca, foi a primeira a fazê-lo, e foi um beijo roubado. Obviamente, não deu tempo de sentir qualquer tipo de prazer, levei alguns minutos para me recompor do furto. E foi assim: conversava com glória encostado a um pilar no corredor do colégio, falávamos sobre uma amiga sua que, segundo os comentários, estava afim. Não estávamos muito próximos um do outro mas numa distância suficiente para ser surpreendido por um beijo na boca. Depois disso, levei um certo tempo para entender que o segundo beijo dependia de uma ação minha. Fiquei mal acostumado e não aprendi a tomar a iniciativa e, assim, fiquei um longo período sem beijar mais ninguém. Glória malvada, me inibiu. Me acostumou mal fazendo-me sentir “o cara” que desperta a vontade de beijar nas mulheres. Ledo engano o meu. Depois do beijo da Glória o tempo passou a ser de vacas magras e longa foi a distância entre o primeiro e o segundo beijo na boca. Jejum completo e libido alterada. Mas afinal, por que não me roubavam outros beijos? Glória malvada, não ensinou nenhuma de suas colegas o truque, aquele segredo lhe pertencia e era sua exclusividade.

Mas o jejum não foi o pior. Glória nunca mais me olhou, fiquei com aquela sensação de que o beijo que ela me deu era apenas para cumprir uma aposta feita com alguma de suas amigas. Por algum tempo tentei encontrar as evidências de que teria mesmo sido esta a causa daquele beijo roubado, mas nada encontrei de concreto. Por falta de provas superei esta fase, definitivamente não foi por competição que Glória havia me beijado. O que se passou na cabeça de Glória? Por que aquele delicioso impulso nunca mais se repetiu? Atordoado fiquei com o complexo de que a beijara tão mal que ela havia se arrependido de sua própria ousadia. Conteí a alguns amigos o fato, prevenindo-os dos beijos de Glória. Óbvio, virei chacota da turma. Zenildo o mais experiente logo me perguntou: deu tempo para sentir a língua dela na sua boca? Língua? - exclamei espantado – e era para por a língua Zê? Que situação, Glória não sentiu a minha língua. E agora eu estava perdido para sempre, todas as garotas do colégio iriam ficar sabendo que aquele beijo teria mesmo sido o meu primeiro beijo na boca. Virei o boca virgem do dia para a noite. Noites que não dormia, sempre atordoado pelo beijo de Glória.

E foi assim doutora a minha primeira vez. A senhora acha que se eu houvesse posto a minha língua na boca de Glória minha vida teria sido diferente? Que faço doutora se por um acaso do destino venha me encontrar diante de Glória?

---

1 Sérgio Peixoto Mendes é filósofo e escritor é autor do livro **Quadrado Peculiar** de onde foi extraída a crônica abaixo